

25/06/2015 - 05:00

Roubo de cargas e taxas baixas reduzem ganhos

Por **Janes Rocha**

O mercado segurador de transportes de carga espera uma retomada da



Marco Antonio: apertando as exigências de segurança com os clientes

rentabilidade em 2015 após dois anos de resultados fracos por conta dos altos índices de sinistros (roubo e acidentes) do transporte rodoviário nacional que perfaz mais de 80% dos negócios neste ramo. Por outro lado, as taxas do seguro estão em queda devido a uma grande oferta de cobertura.

Estatísticas da Superintendência de Seguros Privados (Susep), compilados pela Siscorp, que presta serviços de tecnologia e informação para o setor de seguros, mostram que o volume de prêmios (faturamento) em transportes totalizou R\$ 926,1 milhões no acumulado de janeiro a abril de 2015, com crescimento de 8,2% em comparação com o mesmo período de 2014. No ano passado inteiro (janeiro a dezembro), enquanto o mercado segurador como um todo crescia 10%, o faturamento das seguradoras no ramo de transportes atingiu R\$ 2,8 bilhões, com queda de 3,1% em relação a 2013.

Sergio Caron, superintendente da corretora Marsh Brasil, conta que a entrada de capitais no seguro de transportes se acentuou com a abertura do mercado de resseguros há sete anos. "Quando o IRB tinha o monopólio dos resseguros, as seguradoras tinham um limite automático médio de US\$ 2 milhões, no máximo US\$ 40 milhões", diz Caron, referindo-se aos contratos que envolvem um conjunto homogêneo de riscos junto à resseguradora. "Hoje ninguém tem menos que US\$ 10 milhões, algumas chegam a US\$ 200 milhões".

Com a entrada de muitas seguradoras e resseguradoras na oferta de coberturas para as transportadoras, os preços caíram, reduzindo fortemente a margem de lucro. Uma medida de rentabilidade própria do mercado segurador, o índice combinado, que chegou a ser 10% sete anos atrás, hoje está na média de 1%, o que, segundo Caron, "facilmente se transforma em prejuízo". O índice combinado é um percentual resultante de uma conta que subtrai do faturamento em prêmios as despesas operacionais com o negócio de seguros (sinistros retidos, despesas de comercialização e administrativas).

Flavio Faggion, sócio da Siscorp, calcula uma queda de 44,5% do resultado do setor em 2014, fechando o ano com R\$ 146,3 milhões. "É um resultado ainda marginal, porque não inclui principalmente as despesas administrativas e os ganhos financeiros, nem os impostos sobre os lucros", afirma. "Mas é uma primeira avaliação sobre o desempenho da carteira", diz.

Os números desse desempenho resultam tanto do aumento da criminalidade quanto taxas baixas, analisa Eduardo Michelin, diretor de Transportes e Logística da corretora internacional Willis. "Acredito que agora vai haver uma estabilização dos preços para fazer frente à sinistralidade", diz Michelin.

De fato, os números da Siscorp apontam um resultado de R\$ 82 milhões para o conjunto de seguradoras que operam o seguro de transportes no período de janeiro a abril de 2015, valor que representa 11,8% dos prêmios e uma alta de 10%, já descontada a inflação do IGP-M, em comparação ao mesmo período do ano passado.

O roubo de carga vem crescendo a uma taxa de 7,4% ao ano no Brasil. No ano passado foram 16,2 mil eventos que resultaram em prejuízo de mais de R\$ 1 bilhão, segundo a Pamcary, corretora de seguros especializada em transportes, a partir de levantamento da Freight Watch International, empresa global de segurança logística. De acordo com este levantamento, o Brasil está em uma incômoda posição de liderança no ranking mundial de roubo de cargas, junto com México e África do Sul.

Os números preocupam seguradoras, corretores e os responsáveis pelo gerenciamento de riscos das empresas. Os produtos mais visados pelos ladrões são alimentos, eletroeletrônicos, combustíveis e cosméticos. Segundo o levantamento da Pamcary, o Sudeste é onde ocorre a maior parte dos roubos (75%). De acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Estado, de janeiro a abril deste ano, em São Paulo, o roubo de carga aumentou quase 10% em comparação com o mesmo período do ano passado.

O foco dos bandidos são os caminhões de grande porte que fazem viagens interestaduais (69%); os prejuízos nestas operações, representam 85 % do total. "Isso demonstra que os roubos são dirigidos visando o maior lucro", define Darcio Centoducato, diretor de Gestão de Riscos da Pamcary. Segundo o estudo, a abordagem se dá, em maioria, quando os veículos estradeiros estão parados num posto de combustível para pernoite e refeições. "Nos roubos em veículos da frota urbana, os assaltos ocorrem mais frequentemente quando estão parados na porta do cliente ou num semáforo".

As seguradoras estão atentas. Na maior delas do ramo de transportes, a ACE - que no ano passado adquiriu a carteira de grandes riscos da Itaú Seguros -, novas estratégias de gerenciamento de risco estão sendo testadas, afirmou Antônio Trindade, presidente da seguradora. "A combinação das experiências das duas escolas (ACE e Itaú) nos trouxe um conhecimento que jamais poderíamos obter separadamente. Já definimos novas estratégias que se encontram em fase piloto", afirma.

Segundo a Susep, a ACE faturou R\$ 382 milhões com a carteira de transportes que inclui doméstico mais importações e exportações, o obrigatório RCTR-C (acidentes) e o facultativo RCF-DC (roubo/desvio de carga).

A segunda maior, a Allianz, que pelos mesmos critérios faturou R\$ 298 milhões em prêmios segundo a Susep, tem buscado "apertar" as exigências de segurança junto aos clientes, diz Marco Antonio Santos, superintendente da carteira de transportes. "Houve uma melhora muito grande do gerenciamento de riscos (das empresas) ", afirma Marco Antonio.